

O Livro de Daniel - Número Cento e Setenta e Oito

Paralelos proféticos: o desdobramento de Daniel 11 nos últimos dias

Jeff Pippenger

2024-04-08

Os versículos dezesseis a dezenove de Daniel, capítulo onze, representam a história que se inicia com a iminente lei dominical nos Estados Unidos, até que Miguel Se levante e a porta da graça humana se feche. Portanto, representam também a história do versículo quarenta e um ao versículo quarenta e cinco do mesmo capítulo.

Mas aquele que vier contra ele fará segundo a sua própria vontade, e ninguém subsistirá diante dele; e firmar-se-á na terra gloriosa, a qual será consumida por sua mão. Também voltará o seu rosto para entrar com a força de todo o seu reino, e com ele os retos; assim fará: e dar-lhe-á a filha das mulheres, para a corromper; porém ela não ficará ao seu lado, nem será por ele.

Depois disso voltará o seu rosto para as ilhas e tomará muitas; mas um príncipe, em benefício próprio, fará cessar o opróbrio por ele causado; sem incorrer em opróbrio, fará com que isso se volte contra ele. Então voltará o seu rosto para a fortaleza da sua própria terra; mas tropeçará e cairá, e não será achado. Daniel 11:16-19.

Quando a Irmã White abordou o cumprimento final do capítulo onze de Daniel, ela afirmou "que grande parte da história que se cumpriu nesta profecia será repetida." Os versículos quarenta e um a quarenta e cinco repetem a história profética desses versículos. Os versículos se cumpriram quando Roma pagã assumiu o controle do mundo, conquistando primeiro três áreas geográficas.

“Embora o Egito não pudesse resistir a Antíoco, o rei do norte, Antíoco não pôde resistir aos romanos, que então vieram contra ele. Nenhum reino era mais capaz de resistir a esse poder ascendente. A Síria foi conquistada e incorporada ao Império Romano quando Pompeu, em 65 a.C., privou Antíoco Asiático de seus domínios e reduziu a Síria a uma província romana.

“O mesmo poder haveria também de estabelecer-se na Terra Santa e consumi-la. Roma passou a ligar-se ao povo de Deus, os judeus, por aliança, em 162 a.C., data a partir da qual ocupa um lugar proeminente no calendário profético. Não adquiriu, porém, jurisdição sobre a Judeia por conquista efetiva senão em 63 a.C.; e então da seguinte maneira.”

No retorno de Pompeu de sua expedição contra Mitrídates, rei do Ponto, dois pretendentes, Hircano e Aristóbulo, disputavam a coroa da Judeia. Sua causa foi levada a Pompeu, que logo percebeu a injustiça das pretensões de Aristóbulo, mas quis adiar a decisão sobre o assunto até depois de sua tão desejada expedição à Arábia, prometendo então retornar e resolver seus assuntos conforme parecesse justo e apropriado. Aristóbulo, sondando os reais sentimentos de Pompeu, apressou-se de volta à Judeia, armou seus súditos e preparou uma defesa vigorosa, determinado, a todo custo, a manter a coroa, que antevia que seria atribuída a outro. Pompeu seguiu de perto o fugitivo. Quando Pompeu se aproximava de Jerusalém, Aristóbulo,

começando a arrepender-se de sua conduta, saiu ao seu encontro e tentou acomodar a situação, prometendo total submissão e grandes somas de dinheiro. Pompeu, aceitando essa oferta, enviou Gabínio, à frente de um destacamento de soldados, para receber o dinheiro. Mas, quando esse tenente-general chegou a Jerusalém, encontrou os portões fechados contra ele e foi informado, do alto dos muros, que a cidade não cumpriria o acordo.

Pompeu, para não ser enganado impunemente dessa maneira, pôs Aristóbulo, que mantivera consigo, em grilhões e marchou imediatamente contra Jerusalém com todo o seu exército. Os partidários de Aristóbulo eram pela defesa da praça; os de Hircano, por abrir as portas. Estando estes em maioria, e prevalecendo, foi franqueada a Pompeu a entrada na cidade. Diante disso, os aderentes de Aristóbulo retiraram-se para o Monte do Templo, tão decididos a defender aquele lugar quanto Pompeu a reduzi-lo. Ao fim de três meses, foi aberta uma brecha na muralha, suficiente para um assalto, e a praça foi tomada à ponta da espada. Na terrível mortandade que se seguiu, doze mil pessoas foram mortas. Foi um espetáculo comovente, observa o historiador, ver os sacerdotes, empenhados naquele momento no serviço divino, com mão serena e propósito firme prosseguirem o seu trabalho habitual, aparentemente inconscientes do tumulto furioso, embora, à sua volta, seus amigos fossem passados ao fio da espada, e embora muitas vezes o seu próprio sangue se misturasse com o dos seus sacrifícios.

Tendo posto fim à guerra, Pompeu demoliu as muralhas de Jerusalém, transferiu várias cidades da jurisdição da Judeia para a da Síria e impôs tributo aos judeus. Assim, pela primeira vez, Jerusalém foi colocada, por conquista, nas mãos daquele poder que haveria de manter a 'terra gloriosa' em sua férrea garra até que a tivesse consumido por completo.

'VERSO 17. Ele também se determinará a entrar com a força de todo o seu reino, e homens íntegros com ele; assim fará: e dar-lhe-á a filha das mulheres, corrompendo-a; mas ela não permanecerá do lado dele, nem será a favor dele.'

O bispo Newton apresenta outra leitura para este versículo, que parece expressar mais claramente o sentido, como segue: 'Ele também se determinará a entrar à força em todo o reino.' O versículo 16 nos trouxe até a conquista da Síria e da Judeia pelos romanos. Roma já havia conquistado a Macedônia e a Trácia. O Egito era agora tudo o que restava do 'reino inteiro' de Alexandre, ainda não submetido ao poder romano, poder que agora se determinou a entrar à força naquele país.

Ptolomeu Auletes morreu em 51 a.C. Ele deixou a coroa e o reino do Egito a seu filho e sua filha mais velhos, Ptolomeu e Cleópatra. Ficou estabelecido em seu testamento que se casassem entre si e reinassem conjuntamente; e, por serem jovens, foram colocados sob a tutela dos romanos. O povo romano aceitou esse encargo e nomeou Pompeu como guardião dos jovens herdeiros do Egito.

Tendo pouco depois estalado uma contenda entre Pompeu e César, travou-se entre os dois generais a famosa batalha de Farsália. Pompeu, derrotado, fugiu para o Egito. César seguiu-o imediatamente até lá; mas, antes de sua chegada, Pompeu foi vilmente assassinado por Ptolemeu, de quem fora nomeado tutor. César, portanto, assumiu o cargo que havia sido dado a Pompeu, como tutor de Ptolemeu e Cleópatra. Encontrou o Egito em comoção devido a

distúrbios internos, tendo Ptolemeu e Cleópatra se tornado hostis entre si, e ela privada de sua parte no governo. Apesar disso, não hesitou em desembarcar em Alexandria com sua pequena força, 800 de cavalaria e 3.200 de infantaria, tomar conhecimento da contenda e encarregar-se de sua solução. Com os distúrbios aumentando diariamente, César achou sua pequena força insuficiente para manter sua posição e, não podendo deixar o Egito por causa do vento do norte que soprava naquela estação, enviou ordens à Ásia, determinando que todas as tropas que tinha naquela região viessem em seu auxílio o mais depressa possível.

Com a maior altivez, decretou que Ptolemeu e Cleópatra dissolvessem seus exércitos, comparecessem diante dele para resolver suas divergências e acatassem sua decisão. Sendo o Egito um reino independente, tal decreto arrogante foi considerado uma afronta à sua dignidade real, diante do que os egípcios, profundamente indignados, pegaram em armas. César respondeu que agia em virtude do testamento de seu pai, Auletes, que colocara seus filhos sob a tutela do Senado e do Povo de Roma, cuja autoridade inteira estava agora investida em sua pessoa como cônsul; e que, como tutor, tinha o direito de arbitrar entre eles.

A questão foi finalmente levada à sua presença, e foram nomeados advogados para defender a causa das respectivas partes. Cleópatra, ciente do ponto fraco do grande conquistador romano, julgou que a beleza de sua presença seria mais eficaz para assegurar uma decisão a seu favor do que qualquer advogado que pudesse empregar. Para alcançar sua presença sem ser notada, recorreu ao seguinte estratagem: ela deitou-se estendida num fardo de roupas; Apolodoro, seu servo siciliano, envolveu-o num pano, amarrou-o com uma correia e, erguendo-o sobre seus ombros hercúleos, dirigiu-se aos aposentos de César. Alegando ter um presente para o general romano, foi admitido pela porta da cidadela, entrou à presença de César e depositou o fardo a seus pés. Quando César desamarrou esse embrulho vivo, eis que a bela Cleópatra estava diante dele. Longe de se desagradar com o estratagem, e sendo de um caráter descrito em 2 Pedro 2:14, a primeira vista de pessoa tão bela, diz Rollin, teve sobre ele todo o efeito que ela desejara.

Por fim, César decretou que o irmão e a irmã ocupassem o trono conjuntamente, de acordo com a intenção do testamento. Pothinus, o principal ministro de Estado, tendo sido o principal responsável por expulsar Cleópatra do trono, temia o resultado de sua restauração. Começou, portanto, a incitar o ciúme e a hostilidade contra César, insinuando entre a população que ele planejava, por fim, conceder a Cleópatra o poder exclusivo. Logo se seguiu uma sedição aberta. Achilles, à frente de 20.000 homens, avançou para expulsar César de Alexandria. Distribuindo habilmente seu pequeno contingente pelas ruas e vielas da cidade, César não teve dificuldade em repelir o ataque. Os egípcios intentaram destruir sua frota. Ele respondeu incendiando a deles. Alguns dos navios em chamas, empurrados para perto do cais, fizeram com que vários edifícios da cidade pegassem fogo, e a famosa Biblioteca de Alexandria, que continha quase 400.000 volumes, foi destruída.

Com a guerra tornando-se mais ameaçadora, César enviou pedidos de ajuda a todos os países vizinhos. Uma grande frota veio da Ásia Menor em seu auxílio. Mitrídates partiu para o Egito com um exército recrutado na Síria e na Cilícia. Antípatro, o idumeu, juntou-se a ele com 3.000 judeus. Os judeus, que controlavam as passagens para o Egito, permitiram que o exército

passasse sem interrupção. Sem essa cooperação da parte deles, todo o plano teria fracassado. A chegada desse exército decidiu a contenda. Travou-se uma batalha decisiva perto do Nilo, resultando em uma completa vitória para César. Ptolemeu, ao tentar escapar, afogou-se no rio. Alexandria e todo o Egito então se submeteram ao vencedor. Roma agora havia entrado no e absorvido todo o reino original de Alexandre.

Pelos “retos” do texto entendem-se, sem dúvida, os judeus, que lhe prestaram o auxílio já mencionado. Sem isto, ele teria necessariamente fracassado; com isto, subjugou completamente o Egito ao seu poder, em 47 a.C.

"A filha das mulheres, corrompendo-a.' A paixão que César concebera por Cleópatra, de quem teve um filho, é apontada pelo historiador como a única razão de ter empreendido uma campanha tão perigosa como a guerra do Egito. Isso o manteve muito mais tempo no Egito do que seus assuntos exigiam, passando noites inteiras em banquetes e farras com a dissoluta rainha. 'Mas', disse o profeta, 'ela não estará ao lado dele, nem será por ele.' Depois, Cleópatra uniu-se a Antônio, inimigo de Augusto César, e empregou todo o seu poder contra Roma."

'VERSO 18. Depois disto voltará o rosto para as ilhas e conquistará muitas delas; mas um príncipe, em benefício próprio, fará cessar o opróbrio por ele causado; sem que sobre si recaia opróbrio, fará com que este se volte contra ele.'

A guerra com Fárnaces, rei do Bósforo Cimeriano, por fim o afastou do Egito. “Ao chegar ao lugar onde o inimigo estava”, diz Prideaux, “ele, sem dar qualquer trégua nem a si nem a eles, atacou de imediato e conseguiu uma vitória absoluta sobre eles; a respeito do que escreveu a um amigo seu nestas três palavras: Veni, vidi, vici; Vim, vi, venci.” A parte final deste verso está envolta em certa obscuridade, e há divergência de opinião quanto à sua aplicação. Alguns a aplicam mais atrás na vida de César e julgam encontrar um cumprimento em sua contenda com Pompeu. Mas os eventos anteriores e posteriores claramente definidos na profecia obrigam-nos a buscar o cumprimento desta parte da predição entre a vitória sobre Fárnaces e a morte de César em Roma, como se vê no verso seguinte. Uma história mais completa desse período poderia trazer à luz eventos que tornariam a aplicação desta passagem isenta de dificuldades.

'VERSÍCULO 19. Então voltará o rosto para a fortaleza de sua própria terra; mas tropeçará e cairá, e não será achado.'

“Após essa conquista, César derrotou os últimos fragmentos remanescentes do partido de Pompeu, Catão e Cipião na África, e Labieno e Varo na Espanha. Retornando a Roma, a ‘fortaleza de sua própria terra’, foi feito ditador perpétuo; e foram-lhe concedidos outros poderes e honras tais que, de fato, o tornaram soberano absoluto de todo o império. Mas o profeta dissera que ele tropeçaria e cairia. A linguagem implica que sua queda seria súbita e inesperada, como a de uma pessoa que acidentalmente tropeça ao caminhar. E assim este homem, que combateu e venceu quinhentas batalhas, tomou mil cidades, e matou um milhão cento e noventa e dois mil homens, caiu, não no fragor da batalha e na hora do conflito, mas quando julgava que seu caminho era plano e coberto de flores, e quando se supunha que o perigo estivesse muito distante; pois, tomando assento na câmara do senado, em seu trono de

ouro, para receber das mãos daquele corpo o título de rei, o punhal da traição subitamente lhe feriu o coração. Cássio, Bruto e outros conspiradores precipitaram-se sobre ele, e ele caiu, traspassado por vinte e três feridas. Assim, de repente, tropeçou e caiu, e não foi achado, em 44 a.C.” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 258–264.

O cumprimento histórico da Roma pagã (o rei do norte), sendo estabelecida sobre o trono, é uma história que prefigura a história da entronização da Roma moderna na tríplice união que ocorre por ocasião da lei dominical que em breve virá. Essa história também é tipificada nos versículos trinta a trinta e seis, que identificam quando o papado foi pela primeira vez colocado sobre o trono em 538. Os versículos dezesseis a dezenove, e os versículos trinta e um a trinta e seis, ambos representam a ascensão e a queda finais da prostituta de Tiro. Essa história também foi representada nos versículos cinco a nove, quando o primeiro rei do norte foi estabelecido após conquistar três áreas geográficas. Depois disso, ele entrou em um tratado com o rei do sul, mas rompeu o tratado e, em resposta, o rei do sul infligiu uma ferida mortal, e o rei do norte morreu no cativeiro do Egito.

Os versículos cinco a nove, os versículos dezesseis a dezenove e os versículos trinta a trinta e seis apresentam três linhas proféticas que se cumprem nos versículos quarenta a quarenta e cinco. Quando a irmã White afirmou que "muito da história que se cumpriu nesta profecia se repetirá", isso na verdade significava que todo o capítulo ilustra os versículos quarenta a quarenta e cinco. Os versículos vinte a vinte e dois identificam o nascimento e a morte de Cristo, representando assim o tempo do fim tanto em 1798 quanto em 1989 por meio de Seu nascimento, e então Sua morte na cruz representou 22 de outubro de 1844 e a lei dominical.

O versículo vinte e três identifica a aliança entre os judeus e Roma, durante a história da revolta macabeia. A "aliança" nessa história é representada pelas datas de 161 a.C. e 158 a.C. A história macabeia representa uma linha interna que encontra seu início com uma "aliança" entre Roma e os judeus macabeus, que foi iniciada pelos judeus, e que por fim terminou com os judeus declarando que não têm outro rei senão César. O versículo vinte e três, obviamente, segue os versículos vinte e um e vinte e dois, e o versículo vinte e um identifica o nascimento de Cristo, que é um tempo do fim profético, e o versículo vinte e dois identifica a cruz, que representa a lei dominical.

Na cruz, os judeus declararam César (Roma) como seu rei, e a “aliança” do versículo vinte e três faz referência ao início da escolha dos judeus de servir a Roma, bem no ponto final do ato de os judeus proclamarem sua lealdade a Roma. O fim dos judeus, como representado na cruz, é seguido pelo início da associação dos judeus a Roma.

Os versículos vinte e quatro a trinta descrevem os trezentos e sessenta anos em que a Roma pagã governou soberanamente desde a Batalha de Ácio em 31 a.C., até a transferência da capital de Roma para Constantinopla no ano 330. O período de trezentos e sessenta anos tipifica os mil duzentos e sessenta anos em que a Roma papal governou soberanamente, e, juntos, representam o período que começa no versículo quarenta e um, com a tríplice união que ocorre na iminente lei dominical, até o encerramento do período de provação.

Todas as linhas proféticas da história no capítulo onze alinham-se com os últimos seis versículos de Daniel onze, mas é a história profética desde o tempo do fim em 1989, representada do versículo quarenta até a lei dominical no versículo quarenta e um, que é "aquela porção da profecia de Daniel relativa aos últimos dias". A história omitida no versículo quarenta é a Revelação de Jesus Cristo, que é desselada quando o tempo está próximo, pouco antes do fechamento da porta da graça.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

Temos os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, que é o espírito de profecia. Joias de valor inestimável podem ser encontradas na palavra de Deus. Os que examinam esta palavra devem manter a mente clara. Nunca devem ceder a um apetite pervertido ao comer ou beber.

Se fizerem isso, a mente ficará confusa; não serão capazes de suportar o esforço de se aprofundar para descobrir o significado daquelas coisas que se relacionam com as cenas finais da história desta Terra.

Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem mais bem compreendidos, os crentes terão uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do céu que o coração e a mente ficarão impressionados com o caráter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que será a recompensa dos puros de coração.

O Senhor abençoará todos os que buscarem, com humildade e mansidão, compreender o que está revelado no Apocalipse. Este livro contém tanto, pleno de imortalidade e cheio de glória, que todos os que o leem e o examinam diligentemente recebem a bênção destinada àqueles 'que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas'.

Uma coisa certamente será compreendida do estudo do Apocalipse — que a relação entre Deus e Seu povo é estreita e definida.

"Vê-se uma maravilhosa conexão entre o universo celestial e este mundo. As coisas reveladas a Daniel foram posteriormente complementadas pela revelação feita a João na Ilha de Patmos. Esses dois livros devem ser cuidadosamente estudados. Duas vezes Daniel indagou: Quanto tempo haverá até o fim do tempo?"

'E eu ouvi, mas não entendi: então disse eu: Ó meu Senhor, qual será o fim destas coisas? E Ele disse: Segue o teu caminho, Daniel, pois as palavras estão encerradas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados, embranquecidos e provados; mas os ímpios procederão impiamente; e nenhum dos ímpios entenderá; porém os sábios entenderão. E desde o tempo em que o sacrifício contínuo for tirado, e for posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega aos mil trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, segue o teu caminho até ao fim; pois descansarás e estarás na tua sorte no fim dos dias.'

Foi o Leão da tribo de Judá quem rompeu o selo do livro e deu a João a revelação do que deveria ser nestes últimos dias.

Daniel permaneceu no seu lugar para dar o seu testemunho, o qual esteve selado até o tempo do fim, quando a mensagem do primeiro anjo deveria ser proclamada ao nosso mundo. Estas questões são de importância infinita nestes últimos dias; mas, enquanto 'muitos serão purificados, embranquecidos e provados', 'os ímpios procederão impiamente: e nenhum dos ímpios entenderá'. Como isso é verdadeiro! O pecado é a transgressão da lei de Deus; e os que não aceitam a luz a respeito da lei de Deus não compreenderão a proclamação das mensagens do primeiro, do segundo e do terceiro anjo. O livro de Daniel é deslacrado na revelação a João e nos conduz às últimas cenas da história desta terra.

"Será que nossos irmãos têm em mente que estamos vivendo em meio aos perigos dos últimos dias? Leiam o Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinem estas coisas." Testemunhos aos Ministros, 114, 115.